

Era Uma Vez... A Reescrita: Proposta de Sequência Didática com Contos de Fadas

Once Upon a Time... The Rewrite: Proposal for a Didactic Sequence with Fairy Tales

 **Islaine de Souza Fernandes¹** **Dilma Lopes Marques²** **Adele da Costa Ferreira³**

Resumo:

A Língua Portuguesa é um dos pilares essenciais na educação no que se refere aos anos iniciais do Ensino Fundamental, possibilitando, por meio da língua, uma estrutura necessária para a comunicação. Acerca dos gêneros textuais, é possível trabalhar a intensificação dos eixos de ensino da Língua Portuguesa, tendo em vista os contos de fadas, que contribuem para o desenvolvimento da oralidade, da leitura e da escrita, além de enfatizar a importância do seu uso no processo de ensino-aprendizagem, entendendo que os progressos das crianças têm valor fundamental para a construção da autonomia e da criticidade. Para tanto, usamos a sequência didática como instrumento norteador, para melhor planejamento e detalhamento da proposta, a qual consiste na utilização dos contos de fadas de modo interdisciplinar, abrangendo a Língua Portuguesa e a Arte. À vista disso, o presente trabalho procura trazer uma reflexão sobre o uso da literatura, explorando a diversidade de linguagem, por meio dos clássicos infantis; aprimorar as habilidades artísticas; bem como transformar a leitura e a escrita em hábitos prazerosos na vida das crianças. Para tanto, a proposta está fundamentada nos autores Smith (1973), Abramovich (1995), Coelho (2004), Garcez apud Pazos (2004), Bettelheim (1980), Vygotsky (1995), entre outros. Diante disso, os resultados apresentam que a Literatura Infantil, especialmente os contos de fadas, são importantes recursos pedagógicos, que estimulam a formação leitora e escritora, a imaginação e a criatividade, desenvolvendo uma amplitude de argumentos referentes às ações humanas e aplicando as múltiplas compreensões da língua.

Palavras-chave: Contos de Fadas; Língua Portuguesa; Sequência Didática.

¹ Sou licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e possuo formação complementar como Auxiliar Pedagógica, por meio de curso realizado no Instituto Federal do Sul de Minas. Além disso, concluí o curso de Libras em nível básico, oferecido pelo Serviço de Referência de Inclusão da Pessoa com Deficiência (SERI), na Paraíba. Atuo como professora da Educação Infantil e, atualmente, estou em formação contínua, cursando o nível intermediário de Libras e uma pós-graduação em Psicopedagogia, com o objetivo de aprimorar minha prática pedagógica e promover uma educação mais inclusiva.

² Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (2023).

³ Possui Ensino Médio pela EEEFM Monsenhor José Paulino (2016). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em pedagogia.

Abstract:

The Portuguese language is one of the essential pillars of education in the early years of Elementary School, providing a necessary structure for communication through the language. Regarding textual genres, it is possible to work on intensifying the teaching dimensions of the Portuguese language, taking into account fairy tales, which contribute to the development of oral, reading and writing skills, in addition to emphasizing the importance of their use in the teaching-learning process, understanding that children's progress has fundamental value for the construction of autonomy and critical thinking. To this end, we use the didactic sequence as a guiding instrument, for better planning and detailing of the proposal, which consists of using fairy tales in an interdisciplinary way, encompassing Portuguese and Art. In view of this, this work seeks to bring a reflection on the use of literature by exploring the diversity of language, through children's classics, improving artistic skills, in addition to transforming reading and writing into pleasurable habits in children's lives. The proposal is based on the authors Smith (1973), Abramovich (1995), Coelho (2004), Garcez apud Pazos (2004), Bettelheim (1980), Vygotsky (1995), among others. The results show that children's literature, especially fairy tales, are important pedagogical resources that stimulate reading and writing skills, imagination and creativity, developing a range of arguments regarding human actions and applying multiple understandings of language.

Keywords: Fairy Tales; Portuguese Language; Didactic Sequence.

1 Introdução

O trabalho com a escrita, no ambiente escolar, está associado a uma gama variada de ações que se efetuam em função do desenvolvimento de competências, que envolvem o reconhecimento da função social dos gêneros textuais. Ou seja, a ação pela linguagem que proporciona a autonomia do sujeito e a exploração da leitura como elemento indissociável na intervenção realizada pelo docente, em função da proficiência no ato de escrever.

Quando pensamos nos contos de fadas, como elemento propulsor da ação didática, logo acessamos a uma imagem do senso comum que condiciona ao imaginário infantil e ao sentimento de infância (Zilberman, 2003). A literatura, como um elemento de linguagem, na materialidade dos contos de fadas, não se esvazia do potencial discurso impetrado na sua atuação criativa. Longe de ser algo destinado a iniciados, a escrita literária funciona como instrumento também formativo, se pensarmos no aspecto pedagógico que ela pode oferecer. Nesse viés, os contos de fadas, sendo peças que desenvolvem temas humanos e manifestam constelações de arquétipos (Coelho, 2012), podem estar associados a um trabalho

que busca, além do aperfeiçoamento letrado, referência de intervenções que envolvem a leitura e a escrita, da formação humana e cidadã.

Este trabalho, ao reconhecer o potencial desses contos, configura-se como uma descrição justificada de uma sequência didática que visa na reescrita uma estratégia eficiente no trabalho com gêneros de texto. Para tanto, descrevemos uma proposta que envolve a clássica narrativa *Chapeuzinho Vermelho*, destinada à realização no 2º ano do Ensino Fundamental — anos iniciais. Em face da ação didática ser ancorada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC – Brasil, 2018), intenta-se desenvolver o fortalecimento das habilidades que consistem em ler, compreender (EF02LP26)⁴ e reescrever (EF02LP27)⁵.

Sob essa ótica, a inclusão de textos narrativos literários em sala de aula é de suma importância, visto que o ano de ensino em questão requer uma atenção e motivação por parte dos professores, considerando que a exploração da leitura, algumas vezes, é pouco trabalhada. Dessa maneira, os contos de fadas estimulam eixos importantes da Língua Portuguesa — como a oralidade, a leitura e a escrita — por despertar a inventividade das crianças, o que as proporcionam a inserção na história lida ou contada, característica importante para o desenvolvimento delas em relação a situações da sua realidade.

É relevante inserir a Literatura Infantil na vida das crianças, já que, através dos personagens, das falas, da moral da história e das reflexões sobre os seus saberes particulares, o leitor torna-se mais acessível a transformações. Isso se dá, porque ele atravessa o mundo da fantasia e reflete sobre suas vivências, pensando, duvidando, perguntando e se questionando. Ademais, é importante a participação dos pais na aproximação das crianças com os livros, trazendo mais aptidão em relação à leitura, visto que os contos de fadas são gêneros que despertam interesse por se tratar da ficção, o que possibilita uma viagem dentro do mundo imaginário. Diante disso, a família pode e deve aguçar as crianças, desde a contação de histórias para elas dormirem até o ato de presentear com livros, havendo uma troca de experiências entre criança, família e escola. Tais ações estimulam o gosto pela

⁴ Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.

⁵ Reescrever textos narrativos literários lidos pelo professor.

leitura com narrativas literárias que elas têm familiaridade, a exemplo de contos de fadas — *Chapeuzinho Vermelho, Cachinhos Dourados e os Três Ursos, Os Três Porquinhos, João e Maria, A Bela e a Fera, A Bela Adormecida, Branca de Neve e os Sete Anões, Cinderela, Rapunzel, O Patinho Feio*, entre outros.

Embora os contos de fadas sejam bastante assimilados à leitura, também é possível trabalhar a escrita. Isto é, pode-se trabalhar com a reescrita de contos de fadas, ampliando, assim, os conhecimentos da criança sobre a linguagem oral, a escrita e os recursos discursivos presentes na história em questão, avançando na construção da escrita, por meio de uma nova maneira de contá-la. Como Smith (1973, p. 117) aponta: “ler e escrever são processos frequentemente vistos como imagens espelhadas uma da outra, como reflexos sob ângulos opostos de um mesmo fenômeno: a comunicação através da língua escrita [...]”. Nesse sentido, a escrita é um processo constante que passa por várias etapas, a saber: icônica, garatuja, pré-silábica, silábico-alfabética, alfabética e ortográfica.

Na icônica, a criança não diferencia desenho de escrita. Já na garatuja, a criança produz uma imitação de escrita. Na fase pré-silábica, a criança conhece algumas letras, mas não associa a fala à escrita. Posteriormente, há a fase fonológica, a qual abrange a silábica sem valor sonoro — a criança já entende a escrita como representação gráfica da fala e costuma usar uma letra para cada som da língua —, a silábica com valor sonoro (a criança usa uma letra correspondente a um dos fonemas da palavra), a silábico-alfabética, em que a criança começa a perceber que há sílabas formadas por mais de um som e passa a usar mais de uma letra para algumas sílabas orais. Por fim, temos a alfabética, na qual a criança entende que cada letra representa um único som e que cada som é escrito por uma única letra, e a ortográfica. Nesta última, a criança passa a apreender a ortografia e a adquirir mais fluência com a língua escrita.

Vale ressaltar que, durante todas as etapas da escrita, serão comuns erros ortográficos, sendo indispensável o incentivo da escrita para que a criança possa praticar e não desistir. Nesse caso, a leitura entra como uma ferramenta fundamental para auxiliar na escrita com mais objetividade. Dessa forma, deve-se incentivar a leitura de livros literários infantis que instiguem a criatividade,

melhorando a compreensão da criança sobre os contos de fadas e sobre os mais diversos gêneros textuais.

O presente trabalho se encontra organizado em introdução, fundamentação teórica, discussão das etapas da sequência didática, considerações finais e referências bibliográficas.

2 Era uma vez... a escrita como processo

No que se refere à produção da escrita de textos, é imprescindível que, ao final do texto, o autor faça de maneira minuciosa uma releitura, para que, assim, destaque os pontos que precisam ser revistos. Isso posto, no processo que envolve a leitura e a escrita, no momento em que a criança rever seu texto de maneira atenciosa, ela irá reconhecer ainda mais a sua escrita. Durante esse processo, também começará a perceber pontos fundamentais que os textos devem ter, ou seja, verá que um texto não é feito apenas de palavras, visto que, para fazer sentido, a produção textual precisa respeitar algumas regras. Em vista disso, irá aprender sobre os fatores da textualidade, explorando de maneira prática a gramática e a ortografia. Isso é importante para o estudante compreender que, no mundo que envolve a literatura, existem normas que precisam ser respeitadas para que o texto tenha sentido para o leitor. Esses fatores são os chamados elementos constitutivos da comunicação textual. Assim, para um texto ser considerado eficiente, ele deve atingir seu objetivo de comunicar, pois é a partir de uma escrita concisa e coesa que o leitor irá compreender sem ser necessária a repetição exacerbada da leitura.

Dentro dos fatores de textualidade, encontramos dois fatores que englobam dois aspectos fundamentais: o semântico e o formal; o semântico se relaciona à coerência, enquanto o formal está relacionado à coesão. É válido destacar que a coerência não envolve somente aspectos lógicos e semânticos, mas cognitivos, enquanto depende do partilhar entre os interlocutores. Por isso, um texto não tem sentido por si, mas graças à interação entre o conhecimento apresentado no texto e o conhecimento de mundo. Já a coesão, se refere ao modo como os elementos linguísticos de um texto estão interligados, mediante recursos gramaticais e lexicais.

Ou seja, quando a interpretação de algum elemento textual é dependente de outro. Em virtude disso, a coesão é um elemento essencial para uma boa escrita e para a compreensão, de modo que favoreçam o processo de interação comunicativa.

Ademais, associado aos aspectos semântico e formal, há o pragmático, que se relaciona ao desempenho informacional e comunicativo do texto. A intencionalidade é o primeiro, revelando o esforço do escritor para estabelecer um discurso coerente e coeso, capaz de cumprir o seu objetivo comunicativo, haja vista que toda comunicação — seja oral ou escrita — carrega em si uma intenção do falante/escritor para com o ouvinte/leitor. A aceitabilidade constitui a contraparte da intencionalidade, pois não se refere a quem produz o texto, mas a quem faz a leitura. Desse modo, o leitor tentará, ao máximo, atribuir um sentido ao texto.

Já a situacionalidade refere-se à adequação do texto ao contexto. Nesse sentido, o contexto sociocomunicativo é de extrema importância para a construção da textualidade de um enunciado, definindo o sentido. Enquanto isso, a informatividade está relacionada à suficiência, isso significa que todo o texto deve conter informações necessárias sobre o assunto abordado para ser compreendido o sentido da escrita, nem tão previsível, nem tão inusitado. Por fim, temos a intertextualidade, a qual mostra a interdependência dos textos entre si, tendo em vista que um texto só faz sentido quando é entendido em relação ao outro, ou seja, é um “processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (Guimarães, 2009, p. 134).

O processo que envolve a aprendizagem da língua escrita e oral é marcado por um percurso tortuoso, no qual, muitas vezes, a criança precisa que o contexto responda a seus estímulos, de maneira a aguçar cada vez mais sua empolgação e curiosidade na descoberta das letras e de sua função. Nesse sentido, Pinto (2013, p. 119) afirma que “o meio familiar e o meio social que circulam a criança são outros fatores a ter presentes quando a aprendizagem da leitura e da escrita está em causa”. Diante disso, a reescrita é uma forma na qual a criança poderá ser incentivada e encorajada a se aventurar no mundo da escrita e da leitura, usando a diversão e a curiosidade a seu favor, uma vez que, será utilizada a imaginação para recriar histórias que já conheciam, mas que terão uma nova versão atribuída por ela

mesma. Além disso, passa a conhecer e a explorar novos gêneros textuais, dominando a escrita e a leitura, o que impulsiona o aperfeiçoamento da sua escrita, tornando-se um escritor e um leitor ativo.

Ao adentrar na leitura como ponto de partida para uma escrita proficiente, faz-se necessário que o estudante procure ter como base a leitura ampliada. Isso é importante para confirmar todos os seus conhecimentos no momento da escrita, além de conseguir ter grandes estímulos para contestar o seu texto. Partindo para uma reescrita, é possível refletir que qualquer texto requer diversos fatores pertinentes, tanto para o docente que irá corrigi-lo, como para o estudante que vai escrevê-lo. Nesse contexto, o professor procura ter mais cuidado no momento da leitura do texto, analisando os aspectos mais significativos na correção. Sobre isso, Coelho e Antunes (2010) relatam particularidades imprescindíveis que necessitam estar presentes como pontapé da correção — o gênero e a sua textualidade.

O gênero faz com que o leitor (quem irá corrigir) observe qual é a visão que o escritor tem mediante o gênero escolhido; além de encontrar pontos que tragam a construção do texto, como a coesão e a coerência. Coelho e Antunes (2010, p. 208) ponderam sobre a textualidade, ao apontar que “para avaliar o texto é necessário, portanto, observar forma e conteúdo, bem como aspectos pragmáticos (vinculados à inserção do texto na situação de interação com vistas a realizar algum tipo de ação)”.

3 Era uma vez... os contos de fadas: sentimentos de infância e fator pedagógico

Os contos de fadas são gêneros textuais narrativos que despertam o apetite pela leitura, sendo uma ferramenta básica e fundamental para a formação da educação e da cultura da criança. Isso acontece, pois tais textos fazem com que ela adentre no universo da fantasia, trabalhando inúmeros valores — diferença, humildade, franqueza, amor, amizade, justiça, bondade e respeito — além de gerar emoções diversas, preparando-as para lidar com seus próprios sentimentos e conflitos. Conforme fala Abramovich (1995, p. 17): “[...] é ouvindo histórias que se

pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais [...]”.

A relação entre a criança e os livros literários infantis, quando trabalhada de maneira adequada nas escolas, traz resultados significativos, passando verdadeiramente o entendimento que a Literatura Infantil proporciona. Como reafirmação dessa relação, podemos trazer a contribuição de Coelho (2004, p. 21) “Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades”. Por isso, é importante que a criança tenha acesso cotidianamente a textos narrativos literários, através do acesso às bibliotecas, ou por meio da fruição do texto narrado por um adulto-leitor, que é uma das formas mais eficazes e completas de propiciar o contato da criança com os contos de fadas.

É de suma importância que a criança ouça e mantenha contato com clássicos infantis, dramatizando e discutindo em torno das histórias. Tais ações contribuem para o desenvolvimento da habilidade mental e da assimilação, além da aquisição de novos conhecimentos. Por isso, deve-se usar como recurso didático, histórias que estimulem e promovam relações entre o mundo mágico e o real, ressaltando o que diz Garcez *apud* Pazos (2004, p. 71):

As histórias provocam atividade mental intensa, a criança ouve de forma ativa, interage com o narrador e os personagens e reage, fazendo antecipações, hipóteses, inferências que possibilitam o desenvolvimento das capacidades de linguagem importantes para a compreensão de textos mais complexos.

É notório que os contos de fadas são histórias repletas de conceitos fictícios e de situações semelhantes ao mundo real, o que traz aprendizados relevantes para a construção de novos conhecimentos e de novas perspectivas. Portanto, é imprescindível a introdução desse gênero textual na aprendizagem das crianças, como salienta Bettelheim (1980, p. 32): “Os contos de fada, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e

comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais seu caráter”.

A sequência didática é a maneira do professor organizar conteúdos e atividades que vão ser aplicadas em sala de aula, a partir de eixos temáticos e procedimentais. Embora a sequência didática apresentada seja com foco na escrita, ela pode e deve ser empregada para o ensino da oralidade, da leitura e da análise linguística/semiótica, facilitando, dessa forma, o trabalho com gêneros textuais. Para Vygotsky (1995), a construção para a criança adquirir a escrita ocorre por meio do querer de expressão da criança, começando com os gestos, que o autor considera como escrita no ar, manifestando-se pelo desenho, pela fala, pelo mundo imaginário, iniciando, finalmente, a linguagem escrita.

Nos livros literários infantis, as ilustrações são um complemento enriquecedor, pois a apresentação visual tanto estimula a curiosidade das crianças quanto auxilia no momento de contar a história, devendo ser sempre considerada pelos mediadores de leitura. Sob essa conjuntura, a junção da narrativa com a arte, estabelece um processo de comunicação entre o leitor e a obra, existindo uma interação que colabora com o progresso psicolinguístico e, também, com a conservação do imaginário infantil. O trabalho com o gênero conto de fadas é um bom exemplo para reafirmar a importância da sequência didática desde a Educação Infantil, haja vista que possibilita a divisão de etapas da abordagem do gênero através das aulas e das atividades, dispondo, de modo geral, de um melhor aproveitamento do conteúdo.

4 A narrativa do conto *Chapeuzinho Vermelho*: Charles Perrault e Irmãos Grimm

Há séculos, era comum a sociedade ver as crianças como pequenos adultos e, por isso, os primeiros textos infantis resultaram da adaptação de textos para adultos, com o intuito de moldar suas condutas sociais desde cedo. Nesse sentido, a literatura para crianças se deu apenas depois dessa mudança de percepção quanto à infância. Com isso, julgou-se necessário encontrar o lugar da Literatura Infantil,

categorizada como pertencente à ficção, por retratar a vivência do eu com o outro no mundo social. Com essa classificação, surgiu um de seus representantes: o conto de fadas; pertencente ao gênero ficção, subgênero da Literatura Infantil e categoria de contos de fadas.

Os contos de fadas formam, atualmente, a base da Literatura Infantil, e esses textos foram bastante modificados ao longo dos séculos, substituindo abordagens violentas pela ideia de moralizar os leitores. Enquanto, em 1697, o francês Charles Perrault reúne histórias relatadas pelas camadas populares e marca o surgimento desse subgênero da Literatura Infantil, somente na Alemanha, no século XVIII, que a Literatura Infantil — a partir de pesquisas linguísticas realizadas pelos irmãos Grimm — seria definitivamente constituída e expandida.

Nessa perspectiva, a Literatura Infantil é construída sob duas maneiras distintas de representação: o princípio da imitação da realidade e a matéria literária que se identifica com a realidade imaginada, a fantasia, sendo a segunda o alicerce dos contos de fadas. Esses textos exercem um papel importante no convívio familiar das sociedades tradicionais, sendo responsáveis por demonstrar os valores da época, a exemplo de como deveriam ser os comportamentos das crianças, como forma de obediência aos padrões. Entre os séculos XIX e XX, houve uma nova compreensão sobre os contos e ideais sociais. Por isso, muitos escritores decidiram se debruçar nessa nova visão, traduzindo-a na literatura.

Vale ressaltar ser comum a comparação entre os contos de fadas e a Literatura Infantil, visto que possuem uma relação intrínseca com os contos tradicionais. No entanto, os contos de fadas estão muito além de serem apenas um suporte da Literatura Infantil. Os contos de fadas tradicionais visavam uma função social: modelo comportamental disfarçado por um mundo de fantasia. Ao contrário dos modernos, que se constituem como apoio lúdico no desenvolvimento interno das crianças.

Perrault publicou diversos contos, entre eles, em 1664, *Pele de Asno*, o primeiro que parece ser destinado diretamente às crianças. Publicados em 1667, *Contos da Mamãe da Gansa* continham oito contos, entre eles estavam *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho* e *Barba Azul* e, posteriormente, quando

publicado, foram acrescentadas outras narrativas à obra. É importante pontuar que as obras de Perrault não se destinavam às crianças, mas sim aos adultos, pois ele não ansiava entreter o público, visto querer dar uma lição de moral em cada conto escrito, ensinando que quem desobedece às regras é punido e exposto ao perigo. Por conseguinte, é compreensível que ele os modificasse à sua maneira.

O escritor, portanto, ao publicar tais contos, inicia o resgate de uma literatura que, durante séculos, sobreviveu devido à oralidade, passada de geração em geração. Homem de opiniões polêmicas, tem suas obras editadas, traduzidas e adaptadas até hoje, seja para livros, revistas ou peças de teatro. A genialidade de Perrault não se resume somente ao toque literário nessas narrativas, já que ele introduziu na literatura pessoas humildes, a exemplo de serviçais e moleiros. Vivendo no século XVII, época do Antigo Regime, quando a situação da França era de extrema injustiça social, foi nesse contexto de contraste social que publicou o conto *Chapeuzinho Vermelho*.

Reunindo uma imensidade de contos, lendas e histórias do imaginário popular, os irmãos Grimm são responsáveis por dar os matizes para a Literatura Infantil conhecida hoje. Jacob e Wilhelm, tendo apenas um ano de diferença, tiveram caminhos semelhantes: abandonaram a advocacia para se dedicar à literatura. Em conjunto, em 1812, publicam *Contos para Infância e Lar*, com 51 narrativas retiradas do imaginário popular alemão. A ideia inicial previa um trabalho de coleta em toda a Alemanha, mas um conselho fez com que os dois irmãos se limitassem a Hassen. A respeito disso, Góes (1991, p. 29) pondera:

Influenciados pelo ideário cristão que se consolidava na época romântica e cedendo à polêmica levantada por alguns intelectuais, contra a crueldade de certos contos, os Grimm, na segunda edição da coleção, retiraram episódios de demasia violência ou maldade, principalmente aqueles que eram praticados contra crianças. O sucesso desses contos abriu caminho para a criação do gênero Literatura Infantil.

Foi trabalhando juntos que os irmãos ficaram conhecidos. Viveram no período em que a Alemanha, de princípios do século XIX, passava por uma crise política. Mesmo que não tenha havido formas de resistência direta, surge um sentimento de patriotismo e o desejo de resgatar as tradições e a identidade nacional. É nesse

contexto que os irmãos Grimm, atraídos por tudo o que, no contexto da Literatura Popular, possa traduzir aquele “espírito do povo”, publicam o conto *Chapeuzinho Vermelho*, obra-prima da Literatura Infantil, contado e recontado até os dias atuais, cuja comparação com as demais versões é inevitável, principalmente se tratando das versões compiladas por Charles Perrault.

O conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho* é um clássico pertinente na estante da Literatura Infantil. E, como todo clássico, a obra carrega diversas versões narrativas: a primeira sendo escrita pelo francês Charles Perrault, no século XVII; a segunda, escrita um século depois, pelos alemães irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm. Ambas, escritas dentro do contexto social em que estavam inseridos, trazendo a percepção da infância na época, particularidades culturais, bem como a trama e os recursos linguísticos usados pelos autores. Nesse viés, através da leitura minuciosa dos contos, é possível perceber a própria história da criança em diferentes momentos. Tais comparações demonstram a junção da literatura e da sociedade, resgatando o pensamento de Antônio Cândido (1967, p. 03):

Antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade [...] depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária. [...] Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra. [...] Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, externo.

É nesse sentido que o conto *Chapeuzinho Vermelho* surge como uma representatividade do contexto social em que foi compilada. Os contos de fadas são um mágico mundo de simbolismo, que ajuda a criança a compreender o mundo adulto e, dessa forma, facilitar a sua inserção nessa nova fase. A linguagem simbólica é mediadora entre o imaginário e o real. No conto em questão, esse simbolismo se torna bastante evidente, como, por exemplo, na escolha da cor vermelha para o capuz da menina. Perrault deixa isso bastante claro quando realça o vermelho como sugestivo, quebrando a ingenuidade da menina quanto ao diálogo que a mesma mantém durante a narrativa com o lobo (homem sedutor). Por isso, ao

término da narrativa, expõe um pequeno verso para alertar meninas ingênuas sobre tais perigos.

Mais de cem anos depois, especificamente em 1912, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm compilaram, entre outras histórias, a versão alemã do *Conto Chapeuzinho Vermelho*. Publicado no livro *Contos da Infância e do Lar*, os irmãos se propuseram a trazer, em suas narrativas, entretenimento com lições de moral. Na versão deles, é perceptível a infantilização da história. Partindo do ponto de vista linguístico, as diferenças da versão de Perrault é notória, a exemplo de palavras no diminutivo, como forma de aproximar o pequeno leitor. Além disso, surge a figura do caçador, trazendo um contraponto com um aspecto do lobo que é uma ameaça, vinculando-se, ainda, à figura paterna em relação à criança.

Diante da comparação entre as duas versões — Perrault e os Irmãos Grimm — é possível afirmar que a menina reflete a visão da criança de cada época e de cada país. Uma vez que, na primeira versão, a criança era tida como “adulto em miniatura” e, na segunda, já era tratada de maneira diferente. Portanto, a literatura nunca se esgota, as compreensões são múltiplas e, por isso, as análises literárias também não obedecem à intencionalidade, ou ao propósito de escrita de uma obra, mas ganham possibilidades a cada nova leitura, sob os olhos criativos do leitor.

5 Discussão das etapas da sequência didática

A proposta de sequência didática apresentada foi construída fundamentada nos estudos do componente curricular Fundamentos e Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa e sua ministração no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB – Campus III), tendo como objetivo geral abranger práticas educativas de escrita, envolvendo clássicos infantis, estimulando a formação leitora e escrita, a imaginação e a criatividade. E, como objetivos específicos: valorizar clássicos infantis como recurso pedagógico, visando a intensificação dos eixos de ensino da Língua Portuguesa; enfatizar a importância da inclusão de novos personagens em textos narrativos literários; e explorar a diversidade de linguagem através da dramaturgia, por meio de recursos didáticos

que consistem em livros literários infantis, cadernos, lápis grafite, borrachas, tesouras, colas, palitos, lápis de cor, emborrachados coloridos, TNT colorido e papelão. Essa elaboração de proposta objetiva abordar o gênero contos de fadas com o 2º ano do Ensino Fundamental, tendo como foco a reescrita do conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*, intensificando o eixo da escrita, organizada em detalhamento de cada aula: introdução, desenvolvimento, conclusão e avaliação (observação do professor).

Quadro 1 - Apresentação da Situação

Detalhamento da 1ª Aula	
Introdução	No início da aula, será apresentado o gênero conto de fadas e, logo em seguida, contado o conto de fadas <i>Chapeuzinho Vermelho</i> .
Desenvolvimento	Acontecerá uma análise do conto de fadas contado, destacando os principais personagens e qual a importância de cada um para a história.
Conclusão	Será passada uma atividade em sala de aula, que consiste na interpretação, em que terão que escrever as palavras, relacionando-as com as imagens dos principais elementos da narrativa.
Avaliação (observação do professor)	Através da dinâmica, perceberemos se as crianças já conheciam o conto de fadas e se terão facilidade para realizar a atividade.

Fonte: arquivo pessoal das autoras (2024).

Quadro 2 - Produção Inicial

Detalhamento da 2ª Aula	
Introdução	Para dar continuidade ao conto de fadas abordado, mostraremos a música: <i>Chapeuzinho Vermelho</i> - Cia Era Uma Vez.
Desenvolvimento	Terá uma discussão coletiva, na qual será perguntado para as crianças se já conheciam a música, o que acharam e se gostaram.
Conclusão	Será passada uma atividade para casa, correspondendo à música passada em sala de aula, em que as crianças terão de organizar, de maneira escrita, a música que está fora de ordem.
Avaliação	Por meio dessa atividade, observaremos se todas as crianças têm

(observação do professor)	conhecimento da música. Para tanto, passaremos a atividade para casa, pois, caso não conheçam, poderão ouvir mais vezes.
----------------------------------	--

Fonte: arquivo pessoal das autoras (2024).

Quadro 3 - Módulo I – Criatividade Literária

Detalhamento da 3ª Aula	
Introdução	Com o intuito de aguçar a imaginação e a criatividade, será contada uma nova versão do conto de fadas abordado, chamado <i>Chapeuzinho Amarelo</i> , de autoria de Chico Buarque com ilustrações de Ziraldo.
Desenvolvimento	Será apresentado, para as crianças, uma proposta de reescrita do conto estudado e a apresentação em forma de teatro.
Conclusão	Com o auxílio do (a) professor (a) e de forma coletiva, o conto da <i>Chapeuzinho Vermelho</i> será reescrito, no qual cada criança ficará responsável por uma parte da história.
Avaliação (observação do professor)	Será avaliada a escrita por meio da organização textual e da criatividade, além do entusiasmo pela leitura de contos de fadas.

Fonte: arquivo pessoal das autoras (2024).

Quadro 4 - Módulo II – Construindo Novos Personagens

Detalhamento da 4ª Aula	
Introdução	Nessa aula, serão apresentados os materiais para a construção do teatro com palitoches, juntamente com a orientação da função de cada uma das crianças.
Desenvolvimento	Será feita a confecção dos personagens e do cenário, a organização da história reescrita e a divisão das falas de cada criança para a apresentação.
Conclusão	O foco, nesse dia, será a confecção, visto que eles terão de desenhar e de pintar os personagens de acordo com sua reescrita do conto, recortando e colando nos palitos.
Avaliação (observação do professor)	Mediante a aula, serão observados dois aspectos: a habilidade individual e o trabalho em conjunto.

Fonte: arquivo pessoal das autoras (2024).

Quadro 5 - Módulo III – Reescrita do Conto

Detalhamento da 5ª Aula	
Introdução	Por ser a última aula, sobre o gênero textual em questão, terá a ênfase na reescrita do conto.
Desenvolvimento	Acontecerá a última revisão da estruturação do conto reescrito, corrigindo o que for necessário para concluir a história e realizar a peça teatral.
Conclusão	Com finalidade de melhor preparação, será passado para casa, com valor de atividade, o ensaio de suas respectivas falas para a apresentação no começo da semana, tendo como auxílio o conto reescrito pelas crianças e digitalizado pelo (a) professor (a).
Avaliação (observação do professor)	Nesse dia, especificamente, serão avaliados tanto a escrita de cada criança quanto seu entendimento diante do gênero textual.

Fonte: arquivo pessoal das autoras (2024).

Quadro 6 - Produção Final

Finalização da Sequência Didática	Para avaliar se as crianças compreenderam a importância do gênero textual em questão e as possibilidades dele, serão convidados pais e professores para a apresentação teatral com o conto reescrito e com os personagens confeccionados pelas próprias crianças. Cada pai e cada professor terá uma cópia do conto reescrito para facilitar o acompanhamento da história.
--	--

Fonte: arquivo pessoal das autoras (2024).

A sequência didática, como já falado, é um instrumento impulsionador e engrandecedor para o professor de Língua Portuguesa, principalmente no que concerne ao trabalho com gêneros textuais, que podem ser comprovados a partir da realização dessa sequência didática, a qual desfrutou dos contos de fadas, gerando o desenvolvimento da oralidade, da escrita, da leitura e, consequentemente, da análise linguística/semiótica. A reescrita de contos de fadas possibilita que a criança participe dinamicamente de todo o processo de ensino-aprendizagem, adquirindo autonomia para ser o autor da sua própria história. Isso se dá, porque os gêneros textuais estão presentes no convívio social, o que acentua a importância do seu uso como princípio para o estudo da língua.

Ao se trabalhar com a reescrita de contos de fadas, é preciso retornar ao texto original, que, nessa sequência, trata-se do conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*, para que as crianças possam comparar a história original com a reinventada, construída por elas mesmas. Nessa comparação, elas irão perceber a diferença entre os dois tipos de narrativas: uma que segue um roteiro comum e outra que segue novas maneiras de planejamento, linguagem e organização textual. Além disso, as crianças observarão que o professor transmitirá as emoções que o escritor deseja transferir na história, compreendendo, assim, os recursos de linguagem.

6 Considerações Finais

É imprescindível que a escola abrace a criatividade como característica da educação, trabalhando com clássicos infantis e resgatando essas histórias, pois não é somente a contação de contos de fadas que agrega, mas sim como será desenvolvido em sala de aula. Para tanto, é importante traduzi-las em atividades lúdicas e participativas, transformando o desenvolvimento tanto da escrita quanto da leitura em resultados satisfatórios. Nessa perspectiva, a reescrita de contos de fadas é uma atividade que, evidentemente, fortifica não somente a escrita, como também viabiliza a construção do trabalho com os demais eixos de ensino. Na oralidade e na leitura, a criança consegue identificar que os textos literários infantis comportam palavras que não correspondem ao mundo real, embora trate de situações que podem causar reflexões e diálogos entre as crianças e os (as) professores (as).

Durante a leitura e a produção textual oral ou escrita, acontece a análise linguística/semiótica, a qual possibilita que a criança tenha habilidades com a leitura, em que, por meio da reescrita de contos de fadas e do teatro, será possível construir novos conhecimentos diante da diversidade de linguagem, a qual é capaz de transmitir ideias e sentimentos, o que constitui, assim, um processo de interação.

A sequência didática atua como um instrumento didático-metodológico norteador, visando a compreensão da estrutura do gênero abordado, como também as estratégias de leitura e escrita, por meio da reescrita do conto *Chapeuzinho Vermelho*. A proposta analisa os elementos que compõem a narrativa, desde os

personagens até a moral da história. E, através da reescrita, as crianças constroem suas próprias versões, desenvolvendo a subjetividade da oralidade e escrita.

Com isso, podemos concluir que a parceria entre sequência didática, gêneros textuais e eixos de ensino da Língua Portuguesa forma um elo enriquecedor, que auxilia no desenvolvimento cognitivo das crianças. Conduzir a criança para a aprendizagem da leitura e da escrita constantemente é direcioná-la para a convivência com práticas concretas de leitura e de escrita, substituindo o tradicionalismo e a artificialidade por livros literários e outros materiais de leitura que circulam na escola e na sociedade, como também criando situações que tornem significativas as práticas de produção de textos. A criança leitora é uma criança ativa que desenvolve a capacidade de expressão e de compreensão, tornando-se um ser crítico, validando que práticas educacionais que utilizam diferentes metodologias atingem uma educação de qualidade.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

CÂNDIDO, Antônio. Crítica e Sociologia. *In*: CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1967. p. 3-17.

COELHO, Nelly Novaes. Contos e desenvolvimento psíquico. **Viver Mente & Cérebro**, São Paulo, v. 5, n. 142, p. 24-29, nov. 2004.

COELHO, Nelly Novaes. Mito - símbolos - arquétipos. *In*: COELHO, Nelly Novaes.

Os contos de fadas: mitos, símbolos e arquétipos. São Paulo: Editora Paulinas, 2012. p. 83-93.

COELHO, Sueli Maria; ANTUNES, Leandra Batista. Revisão textual: para além da revisão linguística. **Scripta**, v. 14, n. 26, p. 205-224, 27 jul. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4361>. Acesso em: 14 out. 2024.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.

PAZOS, Vanda Inês da Silva. Literatura Infanto – Juvenil. In: FÉLIX, Joana d’Arc Bicalho. **Componente Curricular: Aprendendo a Aprender**. Brasília: UNICEUB, 2004.

PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro. A leitura e a escrita: um processo conjunto assente numa inevitável cumplicidade. **Letras de Hoje**, [S.l.], v. 48, n. 1, p. 116–126, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/11883>. Acesso em: 19 out. 2024.

SMITH, Frank. **Psycholinguistics and Reading**. London: Holt, Rinehart & Winston, 1973

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. La Prehistoria del Desarrollo del Lenguaje Escrito. In: VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas III**. Madrid: Visor, 1995. p.

ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. In: ZILBERMAN, Regina. **A literatura na escola**. 11ª Ed. São Paulo: Global, 2003.